

Lénine e Clausewitz: a guerra como continuação da política por outros meios

Paulo Fernando Rocha Antunes¹

Resumo:

A reflexão a que se convida o leitor nas próximas páginas trata da relação entre a guerra e a política, mais precisamente na esteira de Carl von Clausewitz e de Vladimir Lénine. Para o efeito proposto, toma-se em consideração, como ponto de partida, uma interpretação que incide precisamente na relação visada – John Keegan, por meio do seu *A history of warfare*, em que o historiador militar inglês parece ter ensaiado, mais do que uma “história da guerra”, uma “vendetta” contra Clausewitz, convocando à colação Lénine para semelhante esforço depreciativo.

Palavras-chave:

Economia; guerra; ideologia; política; revolução.

Lenin and Clausewitz: War as a continuation of politics by other means

Abstract:

The reflection proposed in this article invites the reader in the next pages to deal with the relationship between war and politics, more precisely on Carl von Clausewitz and Vladimir Lenin analysis. For the proposed purpose, we take in account, as a starting point, another interpretation that focuses precisely on the target relation – John Keegan through his: *A history of warfare*, where English military historian seems to have tested more than a “history of war”, a “vendetta” against Clausewitz, calling the collation Lenin for similar derogatory effort.

Keywords:

Economy; ideology; politics; revolution; war.

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Além desta distinção factualmente existente entre dois tipos de guerra [derrotar o inimigo ou ocupar regiões fronteiriças], não menos prática é a importância de um outro ponto que precisa ser deixado absolutamente claro, isto é, que a guerra nada mais é do que a continuação da política por outros meios.

(Clausewitz, 1816-30)

A Guerra é a continuação da política desta ou daquela classe; e em qualquer sociedade de classes, escravagista, feudal ou capitalista, têm havido guerras que continuam as políticas da classe opressora e também guerras que continuam as políticas das classes oprimidas.

(Lénine, 1917)

§ 1. Nótulas introdutórias

A reflexão a que se convida o leitor nas próximas páginas trata da relação entre a guerra e a política, mais precisamente na esteira de Carl von Clausewitz (1780-1831) e de Vladimir Lénine (1870-1924).

O primeiro autor é sobremaneira conhecido como o general prussiano que exaustivamente coligiu as suas reflexões militares, com especial incidência nas incursões napoleónicas coetâneas (1803-15), incursões às quais sempre se opôs tanto em nome da sua Prússia como, posteriormente, em nome do Império Russo (cf. STOKER, 2014). O seu principal texto, não revisto e postumamente publicado, sobre o qual se detém a nossa exclusiva atenção, é *Vom Krieg*, escrito entre 1816 e 1830 com vistas a coligir o essencial das suas reflexões acerca da guerra e da política, nestas ficando para a posteridade o seu “preceito”: “*a guerra nada mais é do que a continuação da política por outros meios*” (CLAUSEWITZ, 1883, p. xi)².

O segundo autor é conhecido pelo seu envolvimento da mais elevada instância na Revolução Russa de Outubro (1917), despoletada no (ou como) estertor da I Guerra Mundial (IGM, 1914-8); como líder dos bolcheviques; bem como pela sua oposição e crítica ao sistema capitalista burguês e ao apelidado “social-chauvinismo”, “oportunismo” e “esquerdismo” no movimento socialista internacional (cf. ZEVIN; GOLIKOV, 1977). O texto do revolucionário russo sobre o qual se detém, para cotejo com o general prussiano, provém de uma conferência – *A guerra e a revolução* (1917) –, em que o autor procurou traçar, precisamente, a relação entre a guerra e a

² “(...) *der Krieg nichts ist als die fortgesetzte Staatspolitik mit anderen Mitteln*”. No que diz respeito à tradução das passagens do autor prussiano, estas foram sempre apoiadas pela versão inglesa, que em referências bibliográficas se credita.

revolução e, de certa maneira, (re)apropriar-se do tal *preceito*; não obstante, não se dispensa a consulta de outros textos³.

A reflexão acerca da relação anunciada pode não granjear qualquer originalidade, na medida em que outros autores – mais detalhada, ou até mesmo mais capacitadamente – já se debruçaram sobre idêntica relação dentro do escopo destes mesmos autores (por exemplo, RAPOPORT, 1968, § 4; KONDYLLIS, 1988, *passim*; GALLIE, 2008, cc. 3-4; EGAN, 2011, pp. 189-99). Porém, a recuperação de uma tal reflexão, quanto ao nosso entendimento, permite-se atual(izada) na medida em que se vive num período histórico, modéstia à parte e, seguramente, sem despeito das tensões e guerras precedentes, em que se começa a tornar “natural” um ambiente *pré-III Guerra Mundial*, mormente se se tomarem em conta outras e semelhantes experiências.

Apesar disso, não cabe aqui vir soar quaisquer trompetas bélicas ou buscar espalhar qualquer alarmismo, não apenas pela insignificância do presente e modesto texto, mas também por via de a sua preocupação visar à reflexão acerca da relação entre a guerra e a política em escopo mais filosófico, mesmo que este não se desligue dos mais recentes desenvolvimentos. Assim, posteriores interpretações ficarão a cargo do leitor.

Para o efeito proposto, toma-se em consideração, como ponto de partida, uma interpretação que incide precisamente na relação visada e que foi dada à estampa imediatamente a seguir à guerra fria (1947-91), quando se pensava estar muito distante qualquer hipótese de outra guerra de enormes proporções. Falamos da obra de John Keegan (1934-2012) – *A history of warfare* (1994) –, em que o historiador militar inglês parece ter ensaiado, mais do que uma “história da guerra”, uma “vendetta” contra Clausewitz, convocando à colação Lénine para semelhante esforço depreciativo⁴.

Dito isto, não se procura levar a cabo uma espécie de réplica ou de defesa da honra em oposição ao historiador inglês, somente refletir acerca

³ Ao contrário de outras, das que se fazem acompanhar ou são feitas pelos textos originais, todas as referências com base nos textos de Lénine estarão em português e serão seguidas para comparação pela sua tradução para o inglês. Tal se deve à nossa insuficiência em língua russa.

⁴ Acerca da obra de Keegan, Eliot Cohen (1956-) questiona precisamente: “Como é que uma história do conflito humano se torna uma vendetta contra o teórico-soldado liberal alemão do princípio do século XIX?” - “How does a history of human conflict become a vendetta against a liberal German soldier-theorist of the early nineteenth century?” (COHEN, 2015) Não ignoramos a herança teórica de Keegan em relação ao historiador militar J. F. C. Fuller (1878-1966), para quem Clausewitz tinha mal interpretado a “arte de Napoleão” (cf. FULLER, 1926, p. 109); mas, mais precisamente, o seu tributo ao teórico e historiador militar Basil Liddell Hart (1895-1970), autor que acusava a Clausewitz a formulação de uma teoria para a justificação e instigação da guerra (por exemplo, HART, 1929, *passim*), contudo, é o próprio Keegan quem mais recentemente notabilizou este tipo de posições.

da relação anunciada e daqueles autores propostos, tendo em consideração as teses de outro autor que se lhes opôs e que, de certa maneira, avança uma perspectiva por meio da qual ainda se pode interpretar a realidade atual, todavia, quanto ao nosso entendimento, a perspectiva deste não será a mais acurada⁵.

§ 2. Keegan: a guerra não é a continuação da política por outros meios

Tendo em conta a exiguidade do espaço existente para o efeito anunciado, não se pode deter a nossa atenção em nenhuma das obras referidas com o merecido detalhe que se desejaria e mereceriam, talvez com exceção da conferência de Lênine, mais curta. Não obstante, considere-se o essencial das teses keeganianas.

Para o autor inglês, na época em que o general prussiano coligia as suas reflexões acerca da “natureza” da guerra, a Europa encontrava-se essencialmente desarmada, o exército napoleónico havia sido desmantelado e viviam-se tempos de paz que perdurariam até à IGM. Conquanto admitir uma crescente “dedicação” belicista por parte da Prússia até e durante a unificação da Alemanha (1871), para lá de meados do século XIX. No seu entender, aquela “dedicação” teria sido inspirada por Clausewitz, tal como inspiraria a diplomacia alemã subsequente (cf. KEEGAN, 1994, p. 354).

Dessa forma, Keegan avalia que a IGM havia sido despoletada por uma generalizada adesão a uma “ideologia da ‘verdadeira guerra’” [*ideology of “true war”*], considerada por ele o verdadeiro “legado” de Clausewitz. Não se tratava, propriamente, de a “ideologia” ser entendida enquanto política, mas de uma espécie de matriz teórica belicista, quer dizer, acabava-se a política onde (co)mandavam os exércitos.

A “paz” que o autor britânico dá a entender ter durado até próximo da IGM, a despeito de alguma “diplomacia clausewitziana” muito anterior, acabou por não impedir, antes, deixou emergir uma “sociedade guerreira” [*warrior society*] a partir de uma “paisagem pacífica” [*peaceful landscape*]. Segundo o historiador:

Quando em 1818 Clausewitz começou o manuscrito de *Da guerra [Vom Krieg]*, a Europa era um continente desarmado. O Grande Exército de Napoleão tinha desaparecido após o seu exílio em

⁵ Com vista a limitar os nossos propósitos ao espaço que lhes foi reservado, preterem-se outros autores que também poderiam enriquecer a nossa reflexão, nomeadamente, Bertrand de Jouvenel (1903-87) refletindo, em torno do general prussiano, uma distinção entre uma “ação política fraca” [*“weak” political behaviour*] e uma “ação política forte” [*Strong political behaviour*] (cf. 1963, p. 37) e a Revolução como “atirada” contra o que está politicamente estabelecido (cf. 1963, pp. 105-6); bem como autores na esteira de Clausewitz e de Lênine, por exemplo, Antonio Gramsci (1891-1937) (cf. 1977, passim) e Mao Tsetung (1893-1976) (cf. 1977, pp. 367-8), entre outros.

Santa Helena, e os de seus inimigos tinham diminuído proporcionalmente. (...) No início de julho de 1914, havia, realmente, cerca de quatro milhões de europeus de uniforme; no final de agosto, havia 20 milhões e muitas dezenas de milhares já haviam sido mortos. *A sociedade guerreira submersa tinha emergido armada a partir da superfície de uma paisagem pacífica* e os guerreiros travavam uma guerra até que, quatro anos mais tarde, não poderiam travar mais. E, embora este resultado catastrófico não possa ser colocado à porta do [*at the door of*] estudo de Clausewitz, *estamos, no entanto, no direito de ver Clausewitz como o pai ideológico [ideological father] da I Guerra Mundial, assim como estamos no direito de perceber Marx como o pai ideológico da Revolução Russa. A ideologia da “guerra verdadeira” era a ideologia dos exércitos da I Guerra Mundial; e o destino apavorante que esses exércitos trouxeram sobre si mesmos por sua dedicação a ela pode ser o legado duradouro de Clausewitz.* (KEEGAN, 1994, p. 22, grifos nossos)⁶

Confirma-se, assim, de acordo com Keegan, a ideia de que a IGM havia sido despoletada por uma “dedicação” guerreira apenas possível pelo perfilhamento de uma “ideologia” pronta para a guerra, este o “legado” do general prussiano. Destarte, à falta de qualquer outra “causa” para a Guerra, ali se encontrava o pensador militar, de quase um século antes, como o “pai ideológico”, e, de certa maneira, como o culpado do colapso de todo o “pacifismo”.

Importa salientar a acusação desferida por Keegan quanto a uma, abreviando – “ideologia guerreira” –, apontando a Clausewitz a sistematização, pelo menos até onde pode ir uma obra incompleta, de uma *forma de estar* (natural) da humanidade, mais antiga do que o próprio autor alemão e até para além das próprias sociedades civilizadas, por assim dizer. Ora, o historiador inglês fala abundantemente da propensão para a guerra de Alexandre, o Grande (356 aC-323 aC), de Gengis Khan (1162-1227) e de um mais tardio, mas contemporâneo do general prussiano, Shaka Zulu (1773-1828) (cf. KEEGAN, 1994, *passim*). Neste sentido, o autor dá a entender, talvez se pudessem perceber as raízes de certo “clauswitzianismo”.

⁶ “When in 1818 Clausewitz began the manuscript of *On war*, Europe was a continent disarmed. The Grand Army of Napoleon had melted away after his exile to St Helena, and those of his enemies had dwindled proportionately. (...) At the beginning of July 1914 there were some four million Europeans actually in uniform; at the end of August there were twenty million, and many tens of thousands had already been killed. The submerged warrior society had sprung armed through the surface of the peaceful landscape and the warriors were to wage war until, four years later, they could wage it no more. And although this catastrophic outcome must not be laid, at the door of Clausewitz’s study, we are nevertheless right to see Clausewitz as the ideological father of the First World War, just as we are right to perceive Marx as the ideological father of the Russian Revolution. The ideology of ‘true war’ was the ideology of the First World War’s armies; and the appalling fate that those armies brought upon themselves by their dedication to it may be Clausewitz’s enduring legacy.”

Foi, porém, segundo o historiador, Adolf Hitler (1889-1945) quem, ulteriormente, melhor compreendeu esta “ideologia guerreira”, declara: “ele [Hitler] realmente viu a guerra como a continuação da política, não distinguiu, de facto, entre guerra e política como atividades separadas” (KEEGAN, 1994, p. 372)⁷. Ou seja, se quanto à IGM a “ideologia guerreira” emergiu de uma forma geral nos exércitos europeus, na II Guerra Mundial (IIGM, 1939-45) esta “ideologia” estava de facto na posse de um indivíduo, no encaixe do exemplo keeganiano, absolutamente determinante para o que se sucedeu. Neste caso, não havia política, apenas a guerra seria a forma de fazer (não fazendo) política⁸.

Ainda no seguimento de Keegan, pela segunda vez, Clausewitz viria assombrar a Europa com uma *grande guerra*, e algumas décadas mais tarde até derrotaria Saddam Hussein (1937-2006) na I Guerra do Golfo (cf. KEEGAN, 1994, p. xi)... seria caso para perguntar quem o teria derrotado na II Guerra do Golfo (2003-11)...

Adiante, para o historiador inglês toda a nação, em sentido lato, que pareça ou que se tenha dedicado a atividades guerreiras, belicistas, enfim, a uma guerra, mormente ou exclusivamente em sentido ofensivo, é uma “sociedade guerreira”; ora, abandona a política na sua maneira talvez mais genuína de relacionamento humano (essencialmente diplomática entre as nações) e por contraposição abraça uma “ideologia guerreira”. Isto é, torna-se numa sociedade que quer *a guerra pela guerra*, por uma “pura” aceção militarista ou de estratégia militar, ou quer a guerra como meio *extraordinário* para cumprir algum objetivo. Por seu turno, a guerra é sempre considerada apolítica, não-política, suspensão da política.

O autor ainda disse mais, porém, Clausewitz é tão proximamente culpado no que concerne a um perfilhamento ideológico da IGM como Karl Marx (1818-83) o foi da Revolução Russa de Outubro, de que Lénine participou na mais elevada instância, como preambularmente lembrado.

As teses de Keegan convocam Lénine não apenas por evocá-lo em suas passagens a propósito de Clausewitz, ainda que pela via mais óbvia de uma (re)apropriação marxista por parte daquele⁹, mas também o convocam por o autor inglês ter procurado refletir acerca da Revolução e das origens

⁷ “(...) he [Hitler] really did see war as a continuation of politics, did not distinguish, indeed, between war and politics as separate activities”.

⁸ O vínculo de Hitler a Clausewitz surge não somente pela via do envolvimento do primeiro numa *grande guerra*, mas seguramente pelas referências ao general pelo próprio ditador alemão. Por exemplo, Hitler destaca do general prussiano uma passagem em que este se refere a uma “gota de veneno” [*Gifttropfen*] que permeia toda a nação que se submete a outra(s), convocando-o assim para as suas exortações restauracionistas de um orgulho nacional(ista) tendencialmente belicista (cf. HITLER, 1943, pp. 759-60).

⁹ “(...) Clausewitz esteve sempre em elevada consideração no que concerne aos intelectuais marxistas, em Lénine principalmente, entre todos eles”. “(...) Clausewitz has always stood high in the favour of Marxist intellectuals, Lenin foremost among them” (KEEGAN, 1994, p. 17).

da IGM tendo em consideração o general prussiano, ainda que sem falar muito de Lênine a este respeito; todavia, são consabidas as reflexões deste autor acerca de tal Guerra (por exemplo, LÉNINE, 1981) e o seu papel na Revolução subsequente.

É no âmbito de uma “suspensão da política”, de uma “ideologia guerreira”, que para Keegan as teses do general prussiano mais irão servir aos marxistas, principalmente a Lênine. Para Keegan, este autor buscava resolver um problema coincidente ao que julgava encontrar em Marx, se em Clausewitz constava um dilema militar – convencer a classe militar de que a guerra era uma atividade política, quando aquela a anatemizava –, naquele constava um dilema político – convencer a classe trabalhadora da inevitabilidade da revolução por meio de “leis históricas científicas” [*scientific historical laws*], quando estas, segundo o historiador, tinham falhado (cf. KEEGAN, 1994, pp. 17-8).

O historiador militar inglês entendia, portanto, que os dois autores de língua alemã advogavam a guerra como um *meio* para atingir os mais diversos *fins políticos*, naturalmente, os que cada um perfilhava. A guerra não seria uma *continuação* da política, senão um meio perverso, violento, para atingir os seus objetivos, interrompendo a política enquanto estivesse a ser posta em prática.

De acordo com Keegan, o problema estaria na “ideologia”. Clausewitz e Marx apregoaram “ciência” e esta não seria mais do que “ideologia” – “guerreira”, “revolucionária”, apontando o que o mundo “poderia ser” [*might be*]. Assim, encontrava-se na “ideologia” a grande responsável pela IGM e pela Revolução Russa de Outubro. Veja-se como o autor o relata:

A política não desempenhou qualquer papel na condução da I Guerra Mundial, vale a pena mencionar. A I Guerra Mundial foi, pelo contrário, extraordinária, uma aberração cultural monstruosa, o resultado de uma decisão involuntária [unwitting decision] dos europeus no século de Clausewitz que começou com o seu retorno da Rússia em 1813 e terminou em 1913, o último ano da longa paz europeia – para transformar a Europa numa sociedade guerreira. Clausewitz não foi o arquiteto desta decisão cultural, mais do que Marx foi o arquiteto do impulso revolucionário que perverteu o liberalismo durante o mesmo período, mas ambos carregam uma pesada responsabilidade. Os seus grandes livros, que se apresentavam como obras de ciência, eram de facto obras inebriantes de ideologia, que estabeleciam uma visão do mundo não como este realmente era, mas como poderia ser. (...) O propósito da guerra, Clausewitz disse, era para servir a um fim político; a natureza da guerra, ele argumentava, era servir apenas a si mesmo. (KEEGAN, 1994, p. 21, grifos nossos)¹⁰

¹⁰ “Politics played no part in the conduct of the First World War worth mentioning. The First World War was, on the contrary, an extraordinary, a monstrous cultural aberration,

Lénine, no meio de tudo isto, não perfilharia mais do que uma “obsessão com a luta pelo poder” [*obsession with the struggle for power*]¹¹, uma vez que relacionara guerra e revolução e fizera delas a sua política, ou seja, para o historiador inglês, o revolucionário russo suspenderia a política em detrimento da luta armada revolucionária, pois operaria uma unificação dos métodos, resultados e objetivos da política-guerra-revolução. E, tal como o historiador apontou a Clausewitz a propósito da guerra, porventura, a “suspensão”, no caso leniniano, assomaria para que a revolução se servisse apenas a si mesma.

A guerra, segundo Keegan, não encontra *justificação* nem *continuação* política, pelo contrário, é o seu *fim*, a sua *suspensão*, encontra as suas razões mais próximas do “extraordinário” e “aberrantemente” guerreiro, e apenas por contingência se relacionam.

Sobre a obra de Keegan havia muito mais a destacar, muito mais referente a Clausewitz, mas, enfim, o essencial que fica do seu *A history of warfare* é realmente anunciado logo no seu início: “A guerra não é a continuação da política por outros meios. O mundo seria um lugar mais simples de entender se o preceito de Clausewitz fosse verdadeiro.” (KEEGAN, 1994, p. 7, *grifo do autor*)¹²

§ 3. Clausewitz: a guerra é a continuação da política por outros meios

Observe-se, então, como é que Clausewitz entendia, por sua vez, a relação entre a guerra e a política.

Para que não se desvie em monta do objetivo proposto, ter-se-á de deixar de parte o essencial das considerações de natureza metafísica do general prussiano, ou seja, a sua procura em (con)firmar o seu *preceito* enquanto guia ou matriz intemporal no que diz respeito a todas as guerras, a despeito da sua própria defesa de uma análise contextual (cf. CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 3, pp. 554-5).

the outcome of an unwitting decision by Europeans in the century of Clausewitz which began with his return from Russia in 1813 and ended in 1913, the last year of the long European peace – to turn Europe into a warrior society. Clausewitz was not the architect of that cultural decision, any more than Marx was the architect of the revolutionary impulse which perverted liberalism during the same period, but each bears weighty responsibility. Their great books, purporting to be works of science, were in fact heady works of ideology, laying down a vision of the world not as it actually was but as it might be. (...) The purpose of war, Clausewitz said, was to serve a political end; the nature of war, he succeeded in arguing, was to serve only itself.”

¹¹ Como acusa, por exemplo, Anatol Rapoport (1911-2007), na sua famosa introdução a *Vom Krieg* (cf. 1968, p. 37).

¹² “*War is not the continuation of policy by other means. The world would be a simpler place to understand if this dictum of Clausewitz’s were true.*”

Seguem-se, conquanto, as suas reflexões de ordem filosófica e talvez menos contingentes e relativas às guerras do seu tempo. Mas nem por isso, quanto a uma reflexão acerca das teses do autor prussiano, pode-se deixar de parte a época em que este viveu, pois era desta e para esta que Clausewitz falava, mesmo desejando falar desde um passado até ao seu mais longínquo eco no futuro.

O general viveu as incursões napoleónicas e combateu-as, preocupava-o a “natureza” da guerra, não apenas por isso, mas também por causa de uma nova maneira de se fazer a guerra que então se evidenciava¹³.

A Revolução Francesa (1789), despoletada no final do século XVIII e disseminada na sua versão imperialista na coroa de Napoleão Bonaparte (1769-1821), trouxera novos elementos. Desde o primeiro momento o povo passara a constituir-se como cidadão e responsável pela defesa do seu território e unidade nacional, algo alheio à matriz europeia coetânea, uma vez que os estados-nação estavam, justamente aí, a dar os seus primeiros passos (cf. KEITNER, 2007). Segundo o autor prussiano: “Subitamente a guerra tornou-se uma atividade do povo, um povo de 30 milhões, todos se considerando cidadãos.” (CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 3, p. 552)¹⁴

O exército francês tornara-se avassalador em face do tipo de guerra para que as nações do *Ancien Régime* estavam preparadas; estas ainda se guiavam essencialmente pelos “códigos de cavalaria” e/ou tinham evoluído para residuais “exércitos” de *condotieros* à guisa pós-renascentista. É o próprio general que chama a atenção para o facto de que a guerra contra a França napoleónica não pôde ser ganha enquanto as nações inimigas desta não reorientaram as suas políticas, conseqüentemente, para uma forma de guerra que não aquela, obsoleta, em que insistiram (cf. CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 6, p. 571).

A guerra não seria mais do que um “duelo em grande escala” [*erweiterter Zweikampf*], já não era mais um duelo entre simples partes ofendidas e ainda menos entre um grupo de indivíduos a lutar como se se tratasse de uma espécie de pequeno duelo ampliado. Agora, a escala era outra, contudo, o objetivo mantinha-se – *derrubar o adversário* (cf. CLAUSEWITZ, 1883, I, c. 1, § 1, p. 1).

¹³ Não caia em esquecimento, por exemplo, que semelhantes preocupações assolavam outros pensadores militares naquele período. Pode ser encontrado Charles-Gabriel d’Arsac de Ternay (1771-1813), oficial francês que também serviu em Inglaterra, mas acabou em Portugal, e que viria a ter publicado um tratado de nome *De la défense des états, par les positions fortifiées* (1836), de espírito avesso ao pensamento que o general prussiano viria a desenvolver. Também pode ser encontrado, como um dos autores mais conhecidos, Antoine-Henri Jomini (1779-1869), oficial suíço que serviu à França e à Rússia e inspirou muitos generais com as suas reflexões, cuja obra mais relevante será talvez *Précis de l’art de la guerre*, na qual chega a referir Clausewitz (cf. 1838, pp. 20-1).

¹⁴ “Der Krieg war urplötzlich wieder eine Sache des Volkes geworden, und zwar eines Volkes von 30 Millionen, die sich alle als Staatsbürger betrachteten.”

Segundo Clausewitz, a guerra, ou o “duelo em grande escala”, não acontecia por acaso, ainda que o acaso nela também tivesse o seu lugar guardado. Dizia o general:

A guerra não é um passatempo. Não é uma mera alegria de ousar e vencer, nem é lugar para entusiastas irresponsáveis. É um meio sério para atingir um fim sério e toda a sua semelhança matizada com um jogo de azar, todas as vicissitudes da paixão, da coragem, da imaginação e do entusiasmo que contém, são meramente as suas características especiais. Quando comunidades inteiras entram em guerra – nações inteiras e, principalmente, nações civilizadas – a razão sempre reside em alguma situação política, e a ocasião sempre se deve a algum propósito político [*politisches Motiv*]. *A guerra é, portanto, um ato de política*. Fosse ela uma manifestação de violência total, livre de restrições e absoluta (como exigiria o seu conceito puro), a guerra usurparia por sua própria e independente vontade o lugar da política no momento em que fosse trazida à existência; *ela [a guerra] expulsaria a política das suas funções e dominaria de acordo com as leis da sua própria natureza, de forma assaz semelhante a uma mina que apenas pode explodir da maneira ou na direção predeterminada pela sua configuração [ihr durch vorbereitende Einrichtungen gegeben]*. (CLAUSEWITZ, 1883, I, c. 1, § 23, p. 15, *grifos nossos*)¹⁵

Neste sentido, Clausewitz julgava afastar das origens de qualquer guerra as veleidades dos líderes políticos, dos líderes militares etc.: não seria ideia isolada de um só indivíduo levar uma guerra por diante, pois não apenas as condições entre as partes deveriam estar preparadas para que tal se pudesse despoletar, como a guerra deveria ser despoletada apenas em caso de assomar como o *meio* mais apropriado para a consecução da política pretendida. As suas novas dimensões assim o justificavam.

O general prussiano vai contra o argumentado por Keegan, quando afirma que a guerra “*é um meio sério para atingir um fim sério e toda a sua semelhança matizada com um jogo de azar, todas as vicissitudes da paixão, da coragem, da imaginação e do entusiasmo que contém, são*

¹⁵ “So ist der Krieg, so der Feldherr, der ihn führt, so die Theorie, die ihn regelt. Aber der Krieg ist kein Zeitvertreib, keine bloße Lust am Wagen und Gelingen, kein Werk einer freien Begeisterung; er ist ein ernstes Mittel für einen ernsten Zweck. Alles, was er von jenem Farbenspiel des Glückes an sich trägt, was er von den Schwingungen der Leidenschaften, des Mutes, der Phantasie, der Begeisterung in sich aufnimmt, sind nur Eigentümlichkeiten dieses Mittels. Der Krieg einer Gemeinheit – ganzer Völker – und namentlich gebildeter Völker geht immer von einem politischen Zustande aus und wird nur durch ein politisches Motiv hervorgerufen. Er ist also ein politischer Akt. Wäre er nun ein vollkommener, ungestörter, eine absolute Äußerung der Gewalt, wie wir ihn uns aus seinem bloßen Begriff ableiten mußten, so würde er von dem Augenblicke an, wo er durch die Politik hervorgerufen ist, an ihre Stelle treten als etwas von ihr ganz Unabhängiges, sie verdrängen und nur seinen eigenen Gesetzen folgen, so wie eine Mine, die sich entladet, keiner anderen Richtung und Leitung mehr fähig ist, als die man ihr durch vorbereitende Einrichtungen gegeben.”

meramente as suas características especiais”; ou seja, a guerra é sempre política e não uma “aberração” involuntária.

A guerra é um “ato da política” e segundo o autor nem poderia ser de outra maneira, qualquer que fosse a sua forma de se manifestar; porquanto “a sua gramática pode ser, de facto, a sua própria, mas não a sua lógica” (CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 6, p. 566)¹⁶, esta caberia invariavelmente à política.

Para o autor prussiano, era essencial que a política nunca fosse esquecida em guerra, não que pudesse sê-lo, mas seguramente quem quisesse compreender a guerra em rigor não poderia deixar a política de parte, visto que aquele que guerreia não poderia deixar de procurar continuar a sua política, quer fosse no sentido da construção da paz, quer fosse no sentido da manutenção da guerra, sob pena de o processo se tornar cego (cf. CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 6, p. 566). O autor acrescenta:

Apenas se a guerra for vista desta maneira [como parte da política], reaparece a sua unidade [*Einheit*]; apenas então poderemos ver que todas as guerras são coisas da *mesma* natureza; e somente isto provisionará os critérios corretos para conceber e julgar os *grandes propósitos* [*großen Entwürfe*]. (CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 6, p. 567, *grifos nossos*)¹⁷

É pela política que se compreende a *unidade* de todas as guerras, mesmo que por políticas diferentes, mesmo que estas mudem durante a própria guerra (cf. CLAUSEWITZ, 1883, I, c. 2, p. 23), mesmo que a política pareça estar longe do horizonte dos atores do ato bélico etc.

De acordo com o general, sem a política, a guerra não passará de um ato ilusoriamente isolado, o qual ninguém parece saber de onde vem, para onde vai e de que só pode conceber causas e soluções erradas e daí continuar a persistir nos mesmos erros. Diz: “a intenção política é o propósito [*Zweck*], a guerra é o meio para atingi-lo, e o meio nunca pode ser considerado isoladamente do seu propósito” (CLAUSEWITZ, 1883, I, c. 1, § 24, p. 16)¹⁸.

A guerra terá as suas próprias “formações peculiares” [*eigentümlich gestaltender*], contudo medidas e de origem política, como a “lei da probabilidade” [*Wahrscheinlichkeitsgesetzen*], deve-se procurar perceber as condições em que estão inseridas e que políticas e estratégias militares determinar (cf. CLAUSEWITZ, 1883, I, c. 1, § 10, p. 8). O general refere que podem ser observados muitos fatores envolvidos em relação a cada uma daquelas “formações”, mas o papel da *intenção política* será colocar tudo

¹⁶ “Er hat freilich seine eigene Grammatik, aber nicht seine eigene Logik.”

¹⁷ “Nur durch diese Vorstellungsart wird der Krieg wieder zur Einheit, nur mit ihr kann man alle Kriege als Dinge *einer* Art betrachten, und nur durch sie wird dem Urteil der rechte und genaue Stand und Gesichtspunkt gegeben, aus welchem die großen Entwürfe gemacht und beurteilt werden sollen.”

¹⁸ “(...) die politische Absicht ist der Zweck, der Krieg ist das Mittel, und niemals kann das Mittel ohne Zweck gedacht werden”.

isso de uma forma clara, sistemática e conduzi-las à sua devida *causa* (cf. CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 1, p. 538). Não se encontrando em sentido estrito, entre a política e a guerra, uma unificação dos seus métodos, resultados e objetivos.

Clausewitz não pretende, por conseguinte, justificar qualquer “ideologia guerreira” ou uma política belicista, na qual apenas haja lugar a uma “suspensão” da política com vista a uma exacerbação belicista ou, ainda, em que não houvesse outra forma de fazer política que não fosse fazer a guerra. Ao invés, o autor prussiano procurava descrever o tipo de guerra advindo das novas formas de relação social (ainda que não o colocasse propriamente nestes termos), bem como perceber como se poderia desenvolver daí em diante.

Clausewitz procurava compreender de que modo a Revolução Francesa transformara a guerra e o que a guerra, de uma maneira geral, poderia ter em comum “intemporalmente”, mas que à época havia emergido de forma mais clara, por causa das suas novas dimensões.

Contra Keegan, mais uma vez, a *guerra como continuação da política por outros meios* é, no seguimento do general, tão somente uma afirmação, um *preceito*, que releva os objetivos, os “grandes propósitos” etc., políticos que encontram na guerra apenas mais uma solução entre outras, outro meio para levar os seus *propósitos* à prática, à sua concretização, e esses *meios* não terão como resultado atos isolados nem serão resultado de espontaneidades “ideológicas” (cf. CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 2, p. 539).

Esta é, enfim, a relação da *política* e da *guerra* de acordo com o autor prussiano, como ele próprio destaca:

Novamente: *a guerra é um instrumento da política*. Ela tem necessariamente de manter as mesmas características da política e ser medida pelos seus padrões; *a condução da guerra, em suas linhas gerais, é portanto a própria política, que ergue a espada em lugar da pena [Feder]*, mas não deixa, por causa disso, de pensar de acordo com as suas próprias leis. (*Grifos nossos*, CLAUSEWITZ, 1883, VIII, c. 8, pp. 571-2)¹⁹

§ 4. Lénine: a guerra é a continuação da política (fundamentalmente económica) por outros meios

Se Clausewitz escreveu com base na sua experiência nas incursões napoleónicas, Lénine cuidou de refletir acerca das causas e possíveis

¹⁹ “Also noch einmal: der Krieg ist ein Instrument der Politik; er muß notwendig ihren Charakter tragen, er muß mit ihrem Maße messen; die Führung des Krieges in seinen Hauptumrissen ist daher die Politik selbst, welche die Feder mit dem Degen vertauscht, aber darum nicht aufgehört hat, nach ihren eigenen Gesetzen zu denken.”

soluções para a IGM, maior confronto bélico do seu tempo e até ao momento.

O revolucionário russo refletia essencialmente a partir de Marx e de Friedrich Engels (1820-95), não descurando outros autores que também o inspiraram, desde Georg Hegel (1770-1831), contemporâneo de Clausewitz (sobre o qual se especula se não teria alguma “dialética influência” no general) e do próprio general prussiano²⁰. Esta última inspiração custou-lhe, como já visto, a acusação de que teria uma “obsessão com a luta pelo poder” e de que apenas por via da transformação revolucionária da política em guerra, e vice-versa, poderia mantê-lo. A propósito, observe-se como Lénine se terá (re)apropriado do *preceito clausewitziano*.

O autor russo pôde encontrar em Clausewitz a reflexão acerca de uma *continuidade* entre a política (tendencialmente pensada como período de paz, a diplomacia que “resulta”) e a guerra (“duelo em grande escala”), *continuidade* que se apresenta de certa maneira como sintoma de uma relação dialética. Pois não havia qualquer corte, suspensão, entre uma e outra, uma era parte da outra, restaria apenas saber se em igual grau ou se alguma teria primazia sobre a outra. Quanto a isto, tanto para o general prussiano como para o revolucionário russo, poucas dúvidas sobriariam.

A *política* teria primazia sobre a *guerra*, *esta* continuava *aquela*. Daí que Lénine não tenha tido muitas dúvidas quando se deparou com o despoletar da IGM, referindo (num outro texto publicado à época em que alude por duas vezes ao tal *preceito* sem mencionar o general) que “a guerra é a continuação da política” e que, por isso, é preciso estudar a política anterior à guerra, aquela que conduziu à guerra.

Consequentemente, se a política era *imperialista*, isto é, se defendia os interesses do capital financeiro, então também a guerra decorrente dessa política seria uma *guerra imperialista*. Pelo contrário, se a política era *nacional-libertadora*, isto é, se exprimia um movimento de massas contra uma opressão nacional, então a guerra que politicamente daí decorresse seria uma *guerra nacional-libertadora* (cf. LÉNINE, 1985b, p. 15).

Tal análise não se tratava de nenhum “reduccionismo” (por exemplo, *dada uma determinada circunstância, então, apenas uma e só saída*). Ao invés, tratava-se de uma análise dialética que teria de ter sempre em conta o desenvolvimento das *relações reais* entre seres humanos e destes com *aquilo* que os rodeia, onde se *encontram*.

²⁰ Até que Lénine se detivesse mais demoradamente nas teses de Clausewitz, havia sido muito residual a abordagem deste em escopo marxista, ainda que Marx e Engels tenham lido *Vom Krieg* e comentado um com o outro e até cotejado, aquando de uma ou outra redação (cf. MARX, 1980, p. 435; ENGELS, 1983, pp. 241-2; 1986, p. 165). Depois dos escritos de Lénine aludindo ao general, que datam oficialmente de 1915, Clausewitz passou a ser um autor, senão de passagem obrigatória para um pensador marxista, pelo menos indispensável para precisar uma ou outra ideia quanto à “natureza” da guerra (contanto não se deixe embrenhar por algum entusiasmo metafísico).

Destarte, Lénine observava: se a política que até então havia sido conduzida no sentido da *máxima acumulação de capital*, já não como numa fase preliminar do sistema capitalista, mas como capitalismo desenvolvido num outro estágio – *fase monopolista do capital financeiro* (cf. LÉNINE, 1981, pp. 587; 590) –, a guerra que opusera as maiores nações defensoras e praticantes deste tipo de economia não poderia ser uma guerra que se isolasse desta realidade.

Ao contrário do que Keegan deu a entender, a Europa não vivera cem anos de paz. Lénine chamava precisamente a atenção para o facto de que a política seguida, que conduziu à IGM, era a *continuação*, que depois se prolongou belicamente, da política anterior de *anexações e violência* nas colónias (cf. LÉNINE, 1985a, p. 158), entre outros confrontos havidos na própria Europa²¹.

Naturalmente, porque *as guerras são continuação da política*, mas *por outros meios* (daí que não signifique uma absoluta unificação dos seus métodos, resultados e objetivos), não quer dizer que elas sejam todas iguais, nem a política nem as guerras. E, como se pode com alguma facilidade compreender, Lénine eximia-se de uma reflexão metafísica acerca da “natureza” da guerra e da política, isto é, não se pode retirar uma matriz “intemporal”, senão veja-se:

Há guerras e guerras. É preciso compreender de que condições históricas decorreu uma dada guerra, quais as classes que a conduzem, em nome de quê. Sem compreendermos isto, condenamos todos os nossos raciocínios sobre a guerra à completa vacuidade, a discussões puramente verbais e estereis. (LÉNINE, 1985a, p. 152)²²

Assim, a compreensão do carácter da *guerra como continuação da política* devém, pelo menos, em sociedades divididas em classes (o que não quer dizer que oponha sempre uma classe a outra, uma vez que as classes dominantes de diversos países em geral são as que guerreiam entre si). Neste sentido, era relevante, até determinante, compreender-se em que momento histórico se encontrava a humanidade, quais as suas relações concebidas e de quais procederam. Ora, se já não cabia no “mundo” de

²¹ Por exemplo, com vistas a cingir apenas à segunda metade do século XIX até perto da IGM, bastaria recordar: a Guerra da Crimeia (1853-6), opondo os impérios francês, otomano e britânico ao russo; a Guerra Civil Americana (1861-5) que, não sendo europeia, não deixaria de repercutir um pouco pelos mais diversos pontos do mundo e nos respetivos aliados europeus; a Guerra Austro-Prussiana (1866); a Guerra Franco-Prussiana (1870-1) e a consequente Comuna de Paris (1871), com especial incidência no seu sanguinolento esmagamento; a Guerra Hispano-Americana (1898), entre a Espanha e as suas colónias; as Guerras dos Boeres (1880-1; 1899-1902) envolvendo a Inglaterra etc.

²² “There are wars and wars. We must be clear as to what historical conditions have given rise to the war, what classes are waging it, and for what ends. Unless we grasp this, all our talk about the war will necessarily be utterly futile, engendering more heat than light.” (LÉNINE, 1964b, p. 399)

Clausewitz qualquer significação guerreira feudal-renascentista, no “mundo” de Lênine ainda cabia menos, ou seja, a política que conduzia uma guerra seria outra. O autor russo assertava:

*Parece-me que o principal que habitualmente é esquecido na questão da guerra, a que se dedica insuficiente atenção, o principal sobre que há tantas discussões, e, diria eu talvez, discussões ocas, sem objetivo, inúteis, é o esquecimento da questão fundamental de saber qual é o caráter de classe que a guerra tem, por que é que esta guerra se desencadeou, quais as classes que a travam, quais as condições históricas e histórico-económicas que a causaram. (LÉNINE, 1985a, p. 151, grifos nossos)*²³

Pode-se encontrar nessa tese de escopo marxista a ideia que aponta no sentido de uma *estrutura económica* [*ökonomische Struktur*], fator-chave para a compreensão do desenvolvimento real das relações humanas e até da natureza (por via do ser humano), como matriz essencial do entendimento leniniano acerca da política²⁴. Se a nova forma de guerra

²³ “It seems to me that the most important thing that is usually overlooked in the question of the war, a key issue to which insufficient attention is paid and over which there is so much dispute-useless, hopeless, idle dispute, I should say-is the question of the class character of the war: what caused that war, what classes are waging it, and what historical and historic-economic conditions gave rise to it.” (LÉNINE, 1964b, p. 398)

²⁴ Recorde-se como Marx se referiu à *estrutura económica* em *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* (1858): “na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; essas relações de produção [*Produktionsverhältnisse*] correspondem a um grau determinado de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura económica [*ökonomische Struktur*] da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura [*Überbau*] jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência [*Bewußtsein*] dos homens que determina o seu ser [*Sein*]; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. (...) Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela ideia que de si mesmo faz, tão-pouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material [*Widersprüchen des materiellen Lebens*], pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção [*Produktionsverhältnissen*].” - “In der gesellschaftlichen Produktion ihres Lebens gehen die Menschen bestimmte, notwendige, von ihrem Willen unabhängige Verhältnisse ein, Produktionsverhältnisse, die einer bestimmten Entwicklungsstufe ihrer materiellen Produktivkräfte entsprechen. Die Gesamtheit dieser Produktionsverhältnisse bildet die ökonomische Struktur der Gesellschaft, die reale Basis, worauf sich ein juristischer und politischer Überbau erhebt, und welcher bestimmte gesellschaftliche Bewußtseinsformen entsprechen. Die Produktionsweise des materiellen Lebens bedingt den sozialen, politischen und geistigen Lebensprozeß überhaupt. Es ist nicht das Bewußtsein der Menschen, das ihr Sein, sondern umgekehrt ihr gesellschaftliches Sein, das ihr Bewußtsein bestimmt. (...) Sowenig man das, was ein Individuum ist, nach dem beurteilt, was es sich selbst dünkt, ebensowenig kann man eine solche Umwälzungsepoche aus ihrem Bewußtsein beurteilen, sondern muß vielmehr dies Bewußtsein aus den Widersprüchen des materiellen Lebens, aus dem vorhandenen Konflikt zwischen gesellschaftlichen Produktivkräften und Produktionsverhältnissen erklären.” (MARX, 1961, pp. 8-9; tradução adaptada a partir de Florestan Fernandes.)

abriu espaço a Clausewitz para compreender uma matriz comum à guerra – *a política praticada* –, a nova sociedade capitalista lançava a compreensão de uma *luta de classes* sobre essa mesma política (e, tal como no caso da guerra, mesmo que esta *luta* já fosse bastante anterior).

Lénine, na sua época, ripostou as teses, dos mais diversos autores, que apontavam às causas da IGM um exclusivo respaldo nos líderes políticos ou até nos líderes militares, quando, para o efeito de uma real compreensão do sucedido, não devia ser descurado o desenvolvimento histórico-económico por detrás das suas decisões²⁵.

Quanto ao general prussiano, por seu turno, mesmo que a política não fosse propensa a espontaneidades individuais determinantes, encontrava-se nas suas teses certa independência daquela em relação à economia. Se a guerra dependeria dos propósitos políticos e ia para onde estes a conduziam, estes pareciam ser traçados sem levar em consideração as relações económicas.

Mais, o seu reconhecimento da contingência em guerra, de que há diferenças de uma época para outra, apenas visava ao que era imediatamente dado como dissemelhante, porquanto o autor prussiano almejava uma “matriz intemporal”. Ou seja, perdia-se a historicidade do real, o seu desenvolvimento fundamental (mesmo que não se perdesse a dialética por completo). O que, de certa maneira, deixaria o general um pouco desguarnecido quanto à possibilidade de se poder atribuir a uma qualquer espontaneidade individual o despoletar de uma guerra.

O autor prussiano, não obstante, guarda o mérito da (con)firmação da relação entre a política (primaz) e a guerra, como de resto Lénine atribui:

É conhecida a máxima de um dos mais célebres escritores sobre a filosofia das guerras e sobre a história das guerras, Clausewitz, a qual reza: “A guerra é a continuação da política por outros meios”. Esta máxima pertence a um escritor que estudou a história das guerras e retirou ensinamentos filosóficos desta história – pouco depois da época das guerras napoleónicas. Este escritor, cujos pensamentos fundamentais se tornaram seguramente no momento atual património de todo o homem pensante, já há cerca de 80 anos lutou contra o preconceito filistino e ignorante de que se pode separar a guerra da política dos governos correspondentes, das classes correspondentes, de

²⁵ Ainda hoje se encontram teses de semelhante jaez, por exemplo, no jornal *The Globalist*, apontando a culpa da IGM a Winston Churchill (1874-1965), na época *First Lord of the Admiralty* inglês, e a Helmuth von Moltke (1848-1916), *Generalfeldmarschall* alemão: “Moltke foi o supremo soldado profissional alemão. Churchill foi o líder civil mais metedido e intrusivo que a Marinha Real alguma vez teve. Todos os seus colegas do governo liberal vergaram-se perante a sua inquestionável perícia técnica no respeitante à estratégia naval e à guerra marítima.” - “Moltke was Germany’s supreme professional soldier. Churchill was the most hands-on and intrusive civilian head the Royal Navy ever had. All his Liberal government colleagues deferred to his undoubted technical expertise in matters of naval strategy and war at sea.” (SIEFF, 2015a; cf. SIEFF, 2015b)

que a guerra pode algumas vezes ser encarada como um simples ataque que viola a paz e depois o restabelecimento dessa paz violada. Brigaram e fizeram as pazes! Esta é uma concepção grosseira e ignorante, que foi refutada há dezenas de anos e é refutada por toda a análise minimamente atenta de qualquer época histórica das guerras. *A guerra é a continuação da política por outros meios. Qualquer guerra está inseparavelmente ligada ao regime político de que decorre. A mesma política que uma determinada potência, uma determinada classe dentro desta potência, realizou durante longo tempo antes da guerra é inevitável e inelutavelmente seguida por esta mesma classe durante a guerra, modificando apenas a forma de ação.* (LÉNINE, 1985a, pp. 152-3, grifos nossos)²⁶

É aqui que se relaciona a revolução como *continuação* da política de uma “vanguarda revolucionária” ou de um *crescente agrupamento progressista*, passe a “tosca” designação. Para o autor russo, aquela se tornava a única maneira de acabar com a IGM, uma vez que esta havia sido despoletada pelas políticas capitalistas (*imperialistas*) e por meio destas não se poderia chegar ao seu término; para tal, somente se as políticas fossem mudadas, e isso só poderia acontecer por via de uma revolução, seguramente, uma *transformação política e económica*, o que não quer dizer necessariamente por meio de uma guerra. Lénine alegava: “Não se pode acabar com a guerra que é travada pelos capitalistas de todos os países sem uma revolução operária contra estes capitalistas.” (LÉNINE, 1985a, p. 167)²⁷

Contra, também, o enunciado por Keegan – “ideologia guerreira”, “obsessão pelo poder”, “guerra pela guerra”, mesmo que em algum momento tida como revolucionária etc. –, para Lénine a guerra apontava no sentido de um *meio* político (por sua vez, violento) para a prossecução de políticas determinadas pelo seu estágio de desenvolvimento histórico-económico.

²⁶ “We all know the dictum of Clausewitz, one of the most famous writers on the philosophy and history of war, which says: ‘War is a continuation of policy by other means.’ This dictum comes from a writer who reviewed the history of wars and drew philosophic lessons from it shortly after the period of the Napoleonic wars. This writer, whose basic view. are now undoubtedly familiar to every thinking person, nearly eighty years ago challenged the ignorant man-in-the-street conception of war as being a thing apart from the policies of the governments and classes concerned as being a simple attack that disturbs the peace, and is then followed by restoration of the peace thus disturbed, as much as to say: ‘They had a fight, then they made up!’ This a grossly ignorant view, one that was repudiated scores of years ago and is repudiated by any more or less careful analysis of any historical epoch of wars. War is a continuation of policy by other means. All wars are inseparable from the political systems that engender them. The policy which a given state, a given class within that state, pursued for a long time before the war is inevitably continued by that same class during the war, the form of action alone being changed.” (LÉNINE, 1964b, pp. 399-400)

²⁷ “The War which the capitalists of all countries are waging cannot be ended without a workers’ revolution against these capitalists.” (LÉNINE, 1964b, p. 416)

Este, enfim, o seu novo conteúdo – o caráter *fundamentalmente económico* (porque se fundamenta na economia, embora não estrita nem exclusivamente) –, pois, na relação entre a política e a guerra, não apenas interessava averiguar a sua *continuidade*, mas qual classe conduzia as políticas, a guerra, isso sim, seria determinante para averiguar o seu caráter, se *imperialista* ou *revolucionária*, se *burguesa* ou *proletária* (cf. LÉNINE, 1985a, p. 152), e não se era ou não política.

§ 5. Nótulas conclusivas

Dada a atual extensão da reflexão precedente, visa-se agora a concluir por via de algumas observações.

As teses de Keegan, historiador militar inglês, que acusavam Clausewitz e Marx de serem os “pais ideológicos” da IGM e da Revolução Russa de Outubro, colando Lênine, descuravam as *condições reais* do sistema (económico) vigente, bem como de todo o desenvolvimento que até então se dera. Isto é, atribuía a primazia às “ideias” em detrimento das relações sociais e do onde, e como, desenvolviam-se. Como se o perfilhamento numa determinada ideologia fosse razão suficiente para que algo de tamanhas dimensões se desse, e como se uma ideologia fosse independente de determinadas circunstâncias.

Observe-se, aquilo que o autor britânico aponta como “ideologia guerreira” e “propósitos” – *objetivos políticos* pelos quais os *meios* assomariam como uma guerra –, que, no seu entendimento, *suspenderiam* a própria política, no fundo, não são mais do que a política, ela mesma. Então, a guerra que daí se seguia não poderia ser outra coisa senão a política praticada de outra maneira (violenta). Não poderia ser outra coisa senão a prática possível das ideias possíveis dadas as *condições reais*.

Ora, a Marx pode ser difícil não apontar a “paternidade” da Revolução Russa, todavia, para isso foi preciso um determinado desenvolvimento (económico, embora não apenas) real, o qual, não se dando, tal não seria possível; afinal, os revolucionários russos seguiram, precisamente, as políticas por aquele defendidas, mas somente porque a realidade coetânea se desenvolvera próxima daquela análise... e porque souberam adaptar criativamente à sua realidade específica (a Rússia ainda era demasiado feudal e estava envolvida numa guerra). A Clausewitz, nem mesmo pelo desenvolvimento, que se deu durante o balizamento apontado por Keegan, seria possível existir algum laço “parental” com a IGM.

Tal ilibação do general prussiano, contudo, não se deve a que aos líderes militares faltasse o estudo daquele, porque o estudaram; nem por que os tempos não convidavam à guerra, porque “convidaram”; mas porque nos escritos do general não havia uma apologia (pelo menos direta) da

guerra, isto é, uma “ideologia guerreira”, como meio privilegiado para a condução (ou suspensão) da política. Tal como assinalado por Lênine quase um século depois, havia, ao invés, no general o devido reconhecimento da guerra como um dos *meios* possíveis ao dispor da política, sem que isso quisesse dizer sequer o “melhor” dos seus meios.

Na melhor das hipóteses, os líderes políticos e os generais, dadas as suas circunstâncias, entenderiam a interpretação de Clausewitz sobre a realidade de uma nova forma de guerra existente no seu tempo como útil para a realidade em que viviam, e pouco mais. Pois a guerra despoletava-se por causa de interesses políticos, desenrolava-se consoante as suas ambições e terminava quando a política entendia ter alcançado os seus objetivos ou uma determinada política esmagasse outra. Foi necessário desenvolver-se uma “paisagem de ambições económicas”, em nada “pacífica”, para que pudesse haver espaço a uma guerra; independentemente das “ideologias” perfilhadas, estas apenas se arreigariam dada a “fertilidade” daquela.

A IGM foi seu exemplo. Se as políticas que a despoletaram foram, segundo Lênine, “imperialistas”, ou seja, obedeciam aos ditames da “monopolização de capital”, então a guerra não poderia ter outra causa senão o confronto entre gigantescos monopólios disputando os mesmos mercados. Mas as *políticas imperialistas* não eram as únicas *políticas* na praça, por assim dizer: existia a sua oposição, as *políticas socialistas* (revolucionárias), e só estas poderiam, segundo o próprio revolucionário russo, pôr termo à Guerra. Se a “paisagem” gerava uma ideologia imperialista, também gerava a sua oposição. O autor dizia, como se assinalou em epígrafe:

*A Guerra é a continuação da política desta ou daquela classe; e em qualquer sociedade de classes, escravagista, feudal ou capitalista, têm havido guerras que continuam as políticas da classe opressora e também guerras que continuam as políticas das classes oprimidas. (LÉNINE, 1964a, p. 162, grifos nossos)*²⁸

Pode-se dizer que esta é a característica rigorosamente divergente em relação ao general prussiano (contanto se tenha em consideração a existência de muitas outras divergências).

O duelo já não seria somente entre dois adversários que se quisessem derrubar, mas entre classes. Para a compreensão completa de uma guerra, não poderia cair em olvido o conteúdo real de classe que Lênine apontava, pois uma classe no poder com problemas internos poderia “jogar a carta” de uma “guerra nacionalista” para simular uma união interclassista, como sobejamente se pode dar conta pelo estudo da propaganda de guerra da I e

²⁸ “War is the continuation of the politics of this *or* that class; and in every class society, slave-owning, feudal, or capitalist, there have been wars which continued the politics of the oppressor classes and also wars which continued the politics of the oppressed classes.”

IIGM, e com isso virar a mesa a seu favor. E em Clausewitz a política ainda era a de um corpo nacional – estado-nação –, todos os cidadãos eram “igualmente” chamados à guerra, não se pensava em termos de um “duelo” entre classes, não se cuidava das relações sociais-económicas que a permeavam.

Se, em suma, *a guerra é a continuação da política por outros meios*, por sua vez, violentos, então, que política é hoje praticada, para onde se encaminha a humanidade? Isto é o que, quanto ao nosso entendimento – e ao contrário da perspectiva apresentada por Keegan –, mais acuradamente importa pensar atualmente, sem perder de vista autores como os que guiaram estas reflexões, no que diz respeito à relação da política, tida como fundamentalmente económica (de base), com a guerra (e a revolução).

Referências bibliográficas

- CLAUSEWITZ, C. von. *Vom Krieg*. Hinterlassenes Werk des General. Berlim: Richard Wilhelmi, 1883.
- _____. *On war*. Ed. e trad. Michael Howard e Peter Paret. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1984.
- COHEN, E. A. *A history of warfare* (Review). Mar./abr. 1994. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/1994-03-01/history-warfare>>, acessado em: 10 jul. 2015.
- EGAN, D. “Globalization and the invasion of Iraq: state power and the enforcement of neoliberalism”. In: *The routledge handbook of war and society*. Iraq and Afghanistan. Ed. Steven Carlton-Ford e Morten G. Ender. Nova York: Taylor & Francis Group, 2011, pp. 189-99.
- ENGELS, F. “Letter to Marx”. In: *Marx-Engels collected works* v. XXXX. Nova York: International Publishers, 1983, pp. 241-2.
- _____. “The fighting in France”. In: *Marx-Engels collected works* v. XXII. Nova York: International Publishers, 1986, pp. 163-7.
- FULLER, J. F. C. *The foundations of the science of war*. Londres: Hutchinson & Co., 1926.
- GALLIE, W. B. *Philosophers of peace and war*. Kant, Clausewitz, Marx, Engels and Tolstoy. Cambridge/Londres/Nova York/Melbourne: Cambridge University Press, 2008.
- ZEVIN, V.; GOLIKOV, G. *Vladimir Ilyich Lenin: Life and Work*. Moscou: Novosti Press Agency Publishing House, 1977.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del Carcere*. Ed. critica dell’Istituto Gramsci, a cura di Valentino Gerratana v. III. 2. Ed. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1977.
- HART, B. H. L. *Strategy: the indirect approach*. Londres: Faber And Faber Limited, 1929.

- HITLER, A. *Mein Kampf*. Munique: Zentralverlag der NSDAP., Frz. Eher Nachf., 1943.
- JOMINI, A-H. *Précis de l'art de la guerre* v. I. Paris: Anselin Libraire, 1838.
- JOUVENEL, B. de. *The pure theory of politics*. New Haven: Yale University Press, 1963.
- KEEGAN, J. *A history of warfare*. Nova York: Vintage Books, a division of Random House, 1994.
- KEITNER, C. I. *The paradoxes of nationalism*. The French Revolution and its meaning for contemporary nation building. Albany: State University of New York, 2007.
- KONDYLIS, P. *Theorie des Krieges*. Clausewitz – Marx – Engels – Lenin. Stuttgart: Klett-Cotta, 1988.
- LÉNINE, V. “Revision of the Party programme”. In: *Lenin collected works* v. XXVI. Moscou: Progress Publishers, 1964a, pp. 149-78.
- _____. “War and revolution”. In: *Lenin collected works* v. XXIV. 1964b, pp. 398-421.
- _____. “Imperialismo, fase superior do capitalismo. Ensaio popular”. In: *Obras escolhidas em 3 tomos* v. I. Tradução das Edições «Avante!». Lisboa/Moscú: Edições «Avante!»-Edições Progresso, 1981, pp. 575-671.
- _____. “A guerra e a revolução”. In: *Obras escolhidas em 6 tomos* v. III. Lisboa/Moscú: Edições Avante!/Edições Progresso, 1985a, pp. 151-72.
- _____. “Sobre uma caricatura do marxismo e sobre o ‘economismo imperialista’”. In: *Obras Escolhidas em 6 tomos* v. III. Lisboa/Moscú: Edições Avante!/Edições Progresso, 1985b, pp. 10-56.
- MARX, K. “Zur Kritik der Politischen Ökonomie”. In: *Marx-Engels Werke* v. XIII. Berlim: Dietz Verlag, 1961, pp. 8-9.
- _____. “Truth Testified”. In: *Marx-Engels collected works* v. XVI Nova York: International Publishers, 1980, pp. 435-8.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. e introd. Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- RAPOPORT, A. “Introduction to on war”. In: CLAUSEWITZ, Carl von. *On war*. Londres: Penguin, 1968, pp. 11-82.
- SIEFF, M. *Churchill: architect of catastrophe*, 1914. How a legendary politician needlessly took Britain into a continental war in 1914. 22 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.theglobalist.com/churchill-architect-catastrophe-1914/>>, acessado em: 11 maio 2015a.
- _____. *Moltke: architect of catastrophe*, 1914. How one general accidentally plunged Germany into a ruinous war in 1914. 22 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.theglobalist.com/moltke-architect-catastrophe-1914/>>, acessado em: 11 maio 2015b.

STOKER, D. *Clausewitz. His life and work*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

TERNAY, C.-G. *De la défense des états, par les positions fortifiées*. Paris: J. Corréard Jeune Éditeur, 1836.

TSETUNG, M. “Talks at a conference of secretaries of provincial, municipal and autonomous region Party Committees”. *In: Selected works of Mao Tsetung* v. V. Pequim: Foreign Languages Press, 1977, pp. 350-83.